

## 4. OS PAIS FUNDADORES DA ETNOGRAFIA

Boas e Malinowski

Se existiam no final do século XIX homens (geralmente missionários e administradores) que possuíam um excelente conhecimento das populações no meio das quais viviam — é o caso de Codrington, que publica em 1891 uma obra sobre os melanésios, de Spencer e Gillen, que relatam em 1899 suas observações sobre os aborígenes australianos, ou de Junod, que escreve *A Vida de uma Tribo Sul-africana* (1898) — a etnografia propriamente dita só começa a existir a partir do momento no qual se percebe que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa.

A revolução que ocorrerá da nossa disciplina durante o primeiro terço do século XX é considerável: ela põe fim à repartição das tarefas, até então habitualmente divididas entre o observador (viajante, missionário, administrador) entregue ao papel subalterno de provedor de informações, e o pesquisador erudito, que, tendo permanecido na metrópole, recebe, analisa e interpreta — atividade nobre! — essas informações. O pesquisador compreende a partir desse mo-

viver  
como  
o  
nativo

mento que ele deve deixar seu gabinete de trabalho para ir compartilhar a intimidade dos que devem ser considerados não mais como informadores a serem questionados, e sim como hóspedes que o recebem e mestres que o ensinam. Ele aprende então, como aluno atento, não apenas a viver entre eles, mas a viver como eles, a falar sua língua e a pensar nessa língua, a sentir suas próprias emoções dentro dele mesmo. Trata-se, como podemos ver, de condições de estudo radicalmente diferentes das que conheciam o viajante do século XVIII e até o missionário ou o administrador do século XIX, residindo geralmente fora da sociedade indígena e obtendo informações por intermédio de tradutores e informadores: este último termo merece ser repetido. Em suma, a antropologia se torna pela primeira vez uma atividade ao ar livre, levada, como diz Malinowski, "ao vivo", em uma "natureza imensa, virgem e aberta".

antropo-  
logia  
na  
aldeia,  
no campo

Esse trabalho de campo, como o chamamos ainda hoje, longe de ser visto como um modo de conhecimento secundário servindo para ilustrar uma tese, é considerado como a própria fonte de pesquisa. Orientou a partir desse momento a abordagem da nova geração de etnólogos que, desde os primeiros anos do século XX, realizou estadias prolongadas entre as populações do mundo inteiro. Em 1906 e 1908, Radcliffe-Brown estuda os habitantes das ilhas Andaman. Em 1909 e 1910, Seligman dirige uma missão no Sudão. Alguns anos mais tarde, Malinowski volta para a Grã-Bretanha, impregnado do pensamento e dos sistemas de valores que lhe revelou a população de um minúsculo arquipélago melanésio. A partir daí, as missões de pesquisas etnográficas e a publicação das obras que delas resultam se seguem em um ritmo ininterrupto. Em 1901, Rivers, um dos fundadores da antropologia inglesa, estuda os Todas da Índia; após a Primeira Guerra Mundial, Evans-Pritchard estuda os Azandés (trad. franc. 1972) e os Nuer (trad. franc. 1968); Nadel, os Nupes da Nigéria; Fortes, os Tallensi; Margaret Mead, os insulares da Nova Guiné, etc.

Como não é possível examinar, dentro dos limites deste trabalho, a contribuição desses diferentes pesquisadores na elaboração da etnografia e da etnologia contemporânea, dois entre eles, a meu ver os mais importantes, deterão nossa atenção: um americano de origem alemã: Franz Boas; o outro, polonês naturalizado inglês: Bronislaw Malinowski.

### BOAS (1858-1942)

Com ele assistimos a uma verdadeira virada da prática antropológica. Boas era antes de tudo um homem de campo. Suas pesquisas, totalmente pioneiras, iniciadas, notamo-lo, a partir dos últimos anos do século XIX (em particular entre os Kwakiutl e os Chinook de Colúmbia Britânica), eram conduzidas de um ponto de vista que hoje qualificaríamos de microsociológico. No campo, ensina Boas, tudo deve ser anotado: desde os materiais constitutivos das casas até as notas das melodias cantadas pelos Esquimós, e isso detalhadamente, e no detalhe do detalhe. Tudo deve ser objeto da descrição mais meticulosa, da retranscrição mais fiel (por exemplo, as diferentes versões de um mito, ou diversos ingredientes entrando na composição de um alimento).

Por outro lado, enquanto raramente antes dele as sociedades tinham sido realmente consideradas em si e para si mesmas, cada uma dentre elas adquire o estatuto de uma totalidade autônoma. O primeiro a formular com seus colaboradores (cf. em particular Lowie, 1971) a crítica mais radical e mais elaborada das noções de origem e de reconstituição dos estágios,<sup>1</sup> ele mostra que um costume só tem significação se for relacionado ao contexto particular no

1. Da qual Radcliffe-Brown e Malinowski tirarão as conseqüências teóricas: não é mais possível opor sociedades "simples" e sociedades "complexas", sociedades "inferiores" evoluindo para o "superior", sociedades "primitivas" a caminho da "civilização". As primeiras não são as formas de organizações originais das quais as segundas teriam derivado.

Boas: homem do

campo

↓

Microsociológico

↓

Tudo deve ser anotado

↓

as sociedades

↓

antes

↓

autôno-

mas

↓

crítica

de Boas de ideias

↓

autôno-

mas

↓

crítica

de Boas de ideias

qual se inscreve. Claro, Morgan e, muito antes dele, Montesquieu tinham aberto o caminho a essa pesquisa cujo objeto é a totalidade das relações sociais e dos elementos que a constituem. Mas a diferença é que, a partir de Boas, estima-se que para compreender o lugar particular ocupado por esse costume não se pode mais confiar nos investigadores e, muito menos nos que, da "metrópole", confiam neles. Apenas o antropólogo pode elaborar uma *monografia*, isto é, dar conta cientificamente de uma microssociedade, apreendida em sua totalidade e considerada em sua *autonomia teórica*. Pela primeira vez, o teórico e o observador estão finalmente reunidos. Assistimos ao nascimento de uma verdadeira *etnografia* profissional que não se contenta mais em coletar materiais à maneira dos antiquários, mas procura detectar o que faz a unidade da cultura que se expressa através desses diferentes materiais.

Por outro lado, Boas considera, e isso muito antes de Griaule, do qual falaremos mais adiante, que não há objeto nobre nem objeto indigno da ciência. As *piadas* de um contador são tão importantes quanto a *mitologia* que expressa o patrimônio metafísico do grupo. Em especial, a maneira pela qual as sociedades tradicionais, na voz dos mais humildes entre eles, classificam suas atividades mentais e sociais, deve ser levada em consideração. Boas anuncia assim a constituição do que hoje chamamos de "etnociências".

Finalmente, ele foi um dos primeiros a nos mostrar não apenas a importância, mas também a necessidade, para o etnólogo, do acesso à *língua* da cultura na qual trabalha. As tradições que estuda não poderiam ser-lhe traduzidas. Ele próprio deve recolhê-las na língua de seus interlocutores.<sup>2</sup> Pode parecer surpreendente, levando em conta o que foi dito, que Boas, exceto entre os profissionais da antropologia, seja praticamente desconhecido. Isso se deve principalmente a duas razões:

2. Sobre a relação da cultura, da língua e do etnólogo, cf. particularmente, após Boas. Sapir (1967) e Leenhardt (1946).

1) multiplicando as comunicações e os artigos, ele nunca escreveu nenhum livro destinado ao público erudito, e os textos que nos deixou são de uma concisão e de um rigor ascético. Nada que anuncie, por exemplo, a emoção que se pode sentir (como veremos logo) na leitura de um Malinowski; ou que lembre o charme ultrapassado da prosa enfeitada de um Frazer;

2) nunca formulou uma verdadeira teoria, tão estranho era-lhe o espírito de sistema; e a generalização apressada parecia-lhe o que há de mais distante do espírito científico. As ambições dos primeiros tempos — quero falar dos afrescos gigantescos do século XIX, que retratam os primórdios da humanidade mas expressam simultaneamente os primórdios da antropologia, isto é uma antropologia principalmente — sucedem, com ele, a modéstia e a sobriedade da maturidade.

De qualquer modo, a influência de Boas foi considerável. Foi um dos primeiros etnógrafos. À sua preocupação de precisão na descrição dos fatos observados, acrescentava-se a de conservação metódica do patrimônio recolhido (foi conservador do museu de Nova Iorque). Finalmente, foi, enquanto professor, o grande pedagogo que formou a primeira geração de antropólogos americanos (Kroeber, Lowie, Sapir, Herskovitz, Linton . . . e, em seguida, R. Benedict, M. Mead). Ele permanece sendo o mestre incontestado da antropologia americana na primeira metade do século XX.

### MALINOWSKI (1884-1942)

Malinowski dominou incontestavelmente a cena antropológica, de 1922, ano de publicação de sua primeira obra, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, até sua morte, em 1942.

1) Se não foi o primeiro a conduzir cientificamente uma experiência etnográfica, isto é, em primeiro lugar, a

viver com as populações que estudava e a recolher seus materiais de seus idiomas, radicalizou essa compreensão por dentro, e para isso, procurou romper ao máximo os contatos com o mundo europeu.

Ninguém antes dele tinha se esforçado em penetrar tanto, como ele fez no decorrer de duas estadias sucessivas nas ilhas Trobriand, na mentalidade dos outros, e em compreender de dentro, por uma verdadeira busca de despersonalização, o que sentem os homens e as mulheres que pertencem a uma cultura que não é nossa. Boas procurava estabelecer repertórios exaustivos, e muitos entre seus seguidores nos Estados Unidos (Kroeber, Murdock. . .) procuraram definir correlações entre o maior número possível de variáveis. Malinowski considera esse trabalho uma aberração. Convém pelo contrário, segundo ele, conforme o primeiro exemplo que dá em seu primeiro livro, mostrar que a partir de um único costume, ou mesmo de um único objeto (por exemplo, a canoa trobriandesa — voltaremos a isso) aparentemente muito simples, aparece o perfil do conjunto de uma sociedade.

2) Instaurando uma ruptura com a história conjetural (a reconstituição especulativa dos estágios), e também com a geografia especulativa (a teoria difusionista, que tende, no início do século, a ocupar o lugar do evolucionismo, e postula a existência de centros de difusão da cultura, a qual se transmite por empréstimos), Malinowski considera que uma sociedade deve ser estudada enquanto uma totalidade, tal como funciona *no momento mesmo onde a observamos*. Medimos o caminho percorrido desde Frazer, que foi no entanto o mestre de Malinowski. Quando perguntávamos ao primeiro por que ele próprio não ia observar as sociedades a partir das quais tinha construído sua obra, respondia: "Deus me livre!". *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, embora tenha sido editado alguns anos apenas após o fim da publicação de *O Ramo de Ouro*, com um prefácio, notamo-lo, do próprio Frazer, adota uma abordagem rigorosamente inversa: analisar de uma forma intensiva e contínua uma microssociedade

sem referir-se a sua história. Enquanto Frazer procurava responder à pergunta: "Como nossa sociedade chegou a se tornar o que é?"; e respondia escrevendo essa "obra épica da humanidade" que é *O Ramo de Ouro*, Malinowski se pergunta o que é uma sociedade dada em si mesma e o que a torna viável para os que a ela pertencem, observando-a no presente através da interação dos aspectos que a constituem.

Com Malinowski, a antropologia se torna uma "ciência" da alteridade que vira as costas ao empreendimento evolucionista de reconstituição das origens da civilização, e se dedica ao estudo das lógicas particulares características de cada cultura. O que o leitor aprende ao ler *Os Argonautas* é que os costumes dos Trobriandeses, tão profundamente diferentes dos nossos, têm uma significação e uma coerência. Não são puerilidades que testemunham de alguns vestígios da humanidade, e sim sistemas lógicos perfeitamente elaborados. Hoje, todos os etnólogos estão convencidos de que as sociedades diferentes da nossa são sociedades humanas tanto quanto a nossa, que os homens e mulheres que nelas vivem são adultos que se comportam diferentemente de nós, e não "primitivos", autômatos atrasados (em todos os sentidos do termo) que pararam em uma época distante e vivem presos a tradições estúpidas. Mas nos anos 20 isso era propriamente revolucionário.

3) A fim de pensar essa coerência interna, Malinowski elabora uma teoria (o *funcionalismo*) que tira seu modelo das ciências da natureza: o indivíduo sente um certo número de necessidades, e cada cultura tem precisamente como função a de satisfazer à sua maneira essas necessidades fundamentais. Cada uma realiza isso elaborando instituições (econômicas, políticas, jurídicas, educativas. . .), fornecendo respostas coletivas organizadas, que constituem, cada uma a seu modo, soluções originais que permitem atender a essas necessidades.

4) Uma outra característica do pensamento do autor de *Os Argonautas* é, ao nosso ver, sua preocupação em abri-

as fronteiras disciplinares, devendo o homem ser estudado através da tripla articulação do social, do psicológico e do biológico. Convém em primeiro lugar, para Malinowski, localizar a relação estreita do social e do biológico; o que decorre do ponto anterior, já que, para ele, uma sociedade funcionando como um organismo, as relações biológicas devem ser consideradas não apenas como o modelo epistemológico que permite pensar as relações sociais, e sim como o seu próprio fundamento. Além disso, uma verdadeira ciência da sociedade implica, ou melhor, inclui o estudo das motivações psicológicas, dos comportamentos, o estudo dos sonhos e dos desejos do indivíduo.<sup>3</sup> E Malinowski, quanto a esse aspecto (que o separa radicalmente, como veremos, de Durkheim), vai muito além da análise da afetividade de seus interlocutores. Ele procura reviver nele próprio os sentimentos dos outros, fazendo da *observação participante* uma participação psicológica do pesquisador, que deve “compreender e compartilhar os sentimentos” destes últimos “interiorizando suas reações emotivas”.

\* \* \*

O fato de a obra (e a própria personalidade) de Malinowski ter sido provavelmente a mais controvertida de toda a história da antropologia (isso inclusive quando era vivo) se deve a duas razões, ligadas ao caráter sistemático de sua reação ao evolucionismo.

1) Os antropólogos da época vitoriana identificavam-se totalmente com a sua sociedade, isto é, com a “civilização industrial”, considerada como “a civilização” *tout court*, e com seus benefícios. Em relação a esta, os costumes dos povos

3. É essa vontade de alcançar o homem em todas as suas dimensões, e, notadamente, de não dissociar o grupo do indivíduo, que faz com que seja um dos primeiros etnólogos a interessar-se pelas obras de Freud. Mas devemos reconhecer que ele demonstra uma grande incompreensão da psicanálise.

“primitivos” eram vistos como aberrantes. Malinowski inverte essa relação: a antropologia supõe uma identificação (ou, pelo menos, uma busca de identificação) com a alteridade, não mais considerada como forma social anterior à civilização, e sim como forma contemporânea mostrando-nos em sua pureza aquilo que nos faz tragicamente falta: a autenticidade. Assim sendo, a aberração não está mais do lado das sociedades “primitivas” e sim do lado da sociedade ocidental (cf. pp. 50-51 deste livro os comentários de Malinowski, que retomam o tema da idealização do selvagem).

2) Convencido de ser o fundador da antropologia *científica* moderna (o que, ao meu ver, não é totalmente falso, pois o que fez a partir dos anos 20 é essencial), ele elabora — sobretudo durante a última parte de sua vida — uma teoria de uma extrema rigidez, que contribuiu, em grande parte, para o descrédito do qual ele ainda é objeto: o “funcionalismo”. Nesta perspectiva, as sociedades tradicionais são sociedades estáveis e sem conflitos, visando naturalmente a um equilíbrio através de instituições capazes de satisfazer às necessidades dos homens. Essa compreensão naturalista e marcadamente otimista de uma totalidade cultural integrada, que postula que toda sociedade é tão boa quanto pode ser, pois suas instituições estão aí para satisfazer a todas as necessidades, defronta-se com duas grandes dificuldades: como explicar a mudança social? Como dar conta do disfuncionamento e da patologia cultural?

A partir de sua própria experiência — limitada a um minúsculo arquipélago que permanece, no início do século, relativamente afastado dos contatos interculturais —, Malinowski, baseando-se no modelo do finalismo biológico, estabelece generalizações sistemáticas que não hesita em chamar de “leis científicas da sociedade”. Além disso, esse funcionalismo “científico” não tem relação com a realidade da situação colonial dos anos 20, situação essa, totalmente ocultada. A antropologia vitoriana era a justificação do período da conquista colonial. O discurso monográfico e a-histórico do

funcionalismo passa a ser a justificação de uma nova fase do colonialismo.

\* \* \*

Apesar disso, além das críticas que o próprio Malinowski contribuiu em provocar, tudo o que devemos a ele permanece ainda hoje considerável.

1) Compreendendo que o único modo de conhecimento em profundidade dos outros é a participação a sua existência, ele inventa literalmente e é o primeiro a pôr em prática a *observação participante*, dando-nos o exemplo do que deve ser o estudo intensivo de uma sociedade que nos é estranha. O fato de efetuar uma estadia de longa duração impregnando-se da mentalidade de seus hóspedes e esforçando-se para pensar em sua própria língua pode parecer banal hoje. Não o era durante os anos 1914-1920 na Inglaterra, e muito menos na França. Malinowski nos ensinou a *olhar*. Deu-nos o exemplo daquilo que devia ser uma pesquisa de campo, que não tem mais nada a ver com a atividade do "investigador" questionando "informadores".

2) Em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, pela primeira vez, o social deixa de ser anedótico, curiosidade exótica, descrição moralizante ou coleção exaustiva erudita. Pois, para alcançar o homem em todas as suas dimensões, é preciso dedicar-se à observação de fatos sociais aparentemente minúsculos e insignificantes, cuja significação só pode ser encontrada nas suas posições respectivas no interior de uma totalidade mais ampla. Assim, as canoas trobriandesas (das quais falamos acima) são descritas em relação ao grupo que as fabrica e utiliza, ao ritual mágico que as consagra, às regulamentações que definem sua posse, etc. Algumas transportando de ilha em ilha colares de conchas vermelhas, outras, pulseiras de conchas brancas, efetuando em sentidos contrários percursos invariáveis, passando necessariamente de novo por seu local de origem, Malinowski mostra que

estamos frente a um processo de troca generalizado, irreduzível à dimensão econômica apenas, pois nos permite encontrar os significados políticos, mágicos, religiosos, estéticos do grupo inteiro.

*Os Jardins de Coral*, o segundo grande livro de Malinowski, trabalha com a mesma abordagem. Esse “estudo dos métodos agrícolas e dos ritos agrários nas ilhas Trobriand”, longe de ser uma pesquisa especializada sobre um fenômeno agrônômico dado, mostra que a agricultura dos Trobriandeses inscreve-se na totalidade social desse povo, e toca em muitos outros aspectos que não a agricultura.

3) Finalmente, uma das grandes qualidades de Malinowski é sua faculdade de *restituição* da existência desses homens e dessas mulheres que puderam ser conhecidos apenas através de uma *relação* e de uma *experiência* pessoais. Mesmo quando estuda instituições, não são nunca vistas como abstrações reguladoras da vida de atores anônimos. Seja em *Os Argonautas* ou *Os Jardins de Coral*, ele faz reviver para nós esse povo trobriandês que não poderemos nunca mais confundir com outras populações “selvagens”. O homem nunca desaparece em proveito do sistema. Ora, essa exigência de conduzir um projeto científico sem renunciar à sensibilidade artística chama-se etnologia. Malinowski ensinou a muitos entre nós não apenas a olhar, mas a escrever, restituindo às cenas da vida cotidiana seu relevo e sua cor. Quanto a isso, *Os Argonautas* me parece exemplar. É um livro escrito num estilo magnífico que aproxima seu autor de um outro polonês que, como ele, viveu na Inglaterra, expressando-se em inglês: Joseph Conrad, e que anuncia as mais bonitas páginas de *Tristes Trópicos*, de Lévi-Strauss.

A antropologia contemporânea é freqüentemente ameaçada pela abstração e sofisticação dos protocolos, podendo, como mostrou Devereux (1980), ir até a destruição do objeto que pretendia estudar, e, conjuntamente, da especificidade da nossa disciplina. “Um historiador”, escreve Firth, “pode

ser surdo, um jurista pode ser cego, um filósofo pode a rigor ser surdo e cego, mas é preciso que o antropólogo entenda o que as pessoas dizem e veja o que fazem". Ora, a grandé força de Malinowski foi ter conseguido fazer ver e ouvir aos seus leitores aquilo que ele mesmo tinha visto, ouvido, sentido. Os Argonautas do Pacífico Ocidental, publicado com fotografias tiradas a partir de 1914 por seu autor, abre o caminho daquilo que se tornará a antropologia audiovisual.<sup>4</sup>

4. Sobre a obra de Malinowski, consultar o trabalho de Michel Panoff, 1972.